

# Brasília-DF



**DENISE ROTHENBURG**  
deniserothenburg.df@dabr.com.br

## Aliado duvidoso

A análise da lista de votação que garantiu urgência ao projeto de lei das fake news deixa o governo preocupado com o União Brasil. Foram 19 a favor e 28 contra o PL. Totalmente fiel ao governo, só PT, PSB, PSol, PCdoB, PV e Rede. O PDT teve um voto contra.

## Do Maranhão, não dá

O fato de ser do Maranhão, terra do ministro da Justiça, Flávio Dino, foi determinante para tirar o líder do PP na Câmara, André Fufuca, da posição de favorito na composição da CPI dos atos de 8 de janeiro. É que, se a oposição for muito para cima de Dino — e certamente irá —, haveria o risco de virar uma briga maranhense. Nesse cenário, já basta a contenda algoana entre o senador Renan Calheiros (MDB) e o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP).

## Número de corte

O governo trabalha para garantir, no mínimo, 18 parlamentares na CPI. Essa é a prioridade, tão importante quanto escolher presidente e relator do colegiado. Nas últimas horas, subiram de cotação o nome do líder do MDB, Eduardo Braga (AM), para a relatoria, e do deputado Arthur Maia (União Brasil-BA) para a presidência.

## Timing errado

Depois do projeto das novas regras fiscais, o governo quer começar a tratar do fim dos benefícios fiscais concedidos pelo governo de Jair Bolsonaro. É aí que, avisam os deputados, virão os grandes problemas, porque a tendência é essa discussão crescer no período eleitoral.

## GDF precisará de "zagueiros"



Com a CPI dos atos de 8 de janeiro no aquecimento, aliados do governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, consideram necessário o governo local tomar todo o cuidado com essa investigação. Afinal, o risco, conforme avaliam alguns, é a gestão Lula, que falhou na proteção do Palácio do Planalto, tentar colocar o GDF na berlinda ao longo das apurações.

» » »

Em tempo: não será nada contra o governador, que voltou ao cargo por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) e sob aplausos de todos os partidos. Mas terá que ter alguém para ajudar a lembrar que o "apagão" nas forças de segurança não pode ser de responsabilidade pura e simples do governo local.

## CURTIDAS



**Nova rodada/** O senador Luís Carlos Heinze (PP-RS, **foto**) começou a consultar colegas sobre quem chamar para a CPI dos atos de 8 de janeiro. Recebeu dois nomes para começar a conversa: os comandantes da PM, coronéis Fábio Augusto, que já foi solto, e Jorge Eduardo Naime, que continua preso. Ambos falaram à CPI da Câmara Legislativa.

**E o Bolsonaro, hein?!** Os governistas não pensam em chamar o ex-presidente para prestar depoimento à CPI. A ideia é evitar que ele tenha palanque. Na oposição, porém, tem gente que cogita convocá-lo logo, justamente para dar-lhe uma tribuna.

**Muita calma nessa hora!** Até aqui, o mercado financeiro não vê a CPI atrapalhando a pauta econômica do Congresso. Mas seus analistas avaliam que não dá para relaxar com uma investigação no Parlamento. Terá muito barulho e nunca se sabe se haverá fato novo.

**DIPLOMACIA /** Lula passa sete dias entre Portugal e Espanha, reabre diálogo com europeus, celebra pactos e angaria apoio ao acordo Mercosul-UE. Mas enfrenta protestos e recebe críticas pela postura sobre invasão russa

# Desgaste ofusca as vitórias

» VICENTE NUNES  
CORRESPONDENTE

**M**adri — O presidente Luiz Inácio Lula da Silva retorna ao Brasil confiante de que obteve importantes conquistas na viagem de uma semana a Portugal e Espanha, em especial por reabrir o diálogo com europeus. Mas também volta ao Palácio do Planalto ciente de que ficou para trás o líder que arrastava multidões e colhia aplausos e elogios. Ela havia sido avisado de que o clima ali não seria só de exaltação, mas quis pagar para ver. Teve de lidar com vaias e xingamentos por parte de deputados do Chega, partido de extrema direita, que, a todo momento, exibiam cartazes com os dizeres "chega de corrupção, Lula ladrão e Lula na prisão".

Por várias vezes, foi interrompido por murros nas mesas do plenário. Os mesmos ataques ocorreram de fora do Palácio de São Bento, sede o Parlamento, onde centenas de manifestantes criticavam sua presença. Mesmo aliados e anfitriões — o presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e o primeiro-ministro, António Costa — foram obrigados a marcar posição ante as falas do petista de que tanto a Ucrânia quanto a Rússia são culpadas pela guerra que travam há mais de um ano. Os líderes portugueses, quando questionados,

Thomas Coex/AFP



**Lula (com Sánchez) tenta justificar posição sobre a invasão russa e ainda comete gafe com Israel e Palestina**

frisaram que estavam com a Ucrânia e com a União Europeia (UE) — da qual fazem parte e a qual Lula acusou de estimular o conflito.

Do dia em que desembarcou em Portugal até quando deixou o país, o presidente foi moldando o discurso. Como as críticas não cessavam, passou a dizer que condenava a invasão russa — mas sem jamais citar o nome de Vladimir Putin. Enquanto tentava se explicar, lidava com outro desgaste: o da compra de uma gravata pela primeira-dama, Janja, numa loja de luxo. Seus detratores surfaram nas redes sociais.

## Saia-justa

Na Espanha, o confronto com Lula se manteve latente. Nas

declarações ao lado do primeiro-ministro, Pedro Sánchez, no Palácio Moncloa, foi obrigado a se posicionar sobre de que lado da guerra estava. Enrolou-se quando um jornalista espanhol lhe perguntou de quem era a Crimeia — região tomada pela Rússia da Ucrânia, em 2014 — e Dombass, área absorvida pelos russos no ano passado. Tentou sair da saia-justa dizendo que a decisão estava com os dois países em guerra, que se sentassem e decidissem o que pertencia a cada um. Não convenceu.

Sánchez, num gesto de cordialidade, disse que reconhecia a posição brasileira favorável à Ucrânia. Contudo, ressaltou que a UE estava no seu papel de apoiar o país comandado

por Volodimir Zelenski, e chamou Putin de invasor.

Mas não foi apenas em relação à invasão russa da Ucrânia que Lula cometeu gafe. Na mesma coletiva, ao criticar as Nações Unidas, disse que a ONU criou Israel, mas não a Palestina. "Vejo que a ONU era tão forte que, em 1948, ela conseguiu criar o Estado de Israel. Em 2023, ela não consegue criar o Estado palestino", disse, equivocando-se ao comentar a resolução que partilhava a Palestina em um Estado judeico e outro árabe — cujos líderes não concordaram com a divisão.

Em nota, a Embaixada de Israel "lamentou" o comentário de Lula. "A verdade é o contrário e é importante olhar para os fatos históricos", cobrou.

## Na bagagem, aceno de mais aproximação

Apesar dos desacertos, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva colheu muitas promessas e acordos bilaterais. O mais importante, porém, foi ter escutado dos primeiros-ministros de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa, e da Espanha, Pedro Sánchez, que o acordo entre o Mercosul e a União Europeia (UE) é prioridade. Há um real empenho de portugueses e espanhóis em selar o pacto entre os dois blocos comerciais, que se arrasta há mais de 20 anos. Do lado dos europeus, a vontade esbarra em interesses de França e Irlanda, principalmente na questão agrícola. Entre os sul-americanos, o Uruguai demonstra desejo de formar acordos à parte do Mercosul e a Argentina está mergulhada em mais uma crise econômica de grandes proporções.

Em Portugal e na Espanha, Lula fechou acordos em áreas diversas, da educação à mobilidade urbana, da ciência e saúde ao turismo. Mas sabe que memorandos de entendimento costumam se perder na burocracia, como reconheceu no pronunciamento no Palácio Moncloa, sede do governo espanhol.

O presidente se mostra ávido para atrair investimentos estrangeiros ao Brasil para acelerar o crescimento econômico. Contudo, terá de ir além das palavras e mostrar o quanto está comprometido com políticas econômicas consistentes, que passam pelo controle da inflação e equilíbrio das contas públicas.

Na Espanha, um dos países que mais investem no Brasil, foram celebrados, somente ontem, acordos nas áreas de educação, trabalho e ciência e tecnologia. O anúncio foi feito pouco antes das declarações oficiais do presidente e de Pedro Sánchez.

## Acolhimento

Na educação, a meta é fechar cooperação entre as universidades brasileiras e espanholas. Na questão trabalhista, o governo brasileiro prevê adotar parte da regulamentação espanhola para empresas de transporte por aplicativo. Quanto à ciência e tecnologia, o acordo passa pelo desenvolvimento de pesquisas. Em Portugal, onde ficou cinco dias, Lula assinou 13 acordos durante a 13ª Cimeira Luso-brasileira.

Do ponto de vista do cerimonial, o presidente foi tratado com todas as honras nos dois países e sentiu-se acolhido. O primeiro-ministro espanhol disse-lhe que era solidário ante os atentados terroristas de 8 de janeiro, que destruíram as sedes dos Três Poderes em Brasília, numa tentativa fracassada de golpe de Estado.

Já o presidente português, António Costa, afirmou que, com Lula, "o Brasil voltou ao mundo, de onde não sairá mais". Da mesma forma como Sánchez, o chefe do governo luso saudou a resiliência da democracia brasileira e tomou as dores do petista depois dos ataques que ele sofreu na Assembleia da República. (VN)